



MUNDO DA PUBLICIDADE

EDIÇÃO 20



UNIFEBE

PUBLICIDADE
E PROPAGANDA





MUNDO DA PUBLICIDADE

SUMÁRIO

Página 5

**Nota dos Editores da
Revista Mundo da
Publicidade**

Página 6

**Como é viver em uma
sociedade em que a
hiperconectividade é real**

Páginas 91

**The dark side
of social medias**



Páginas 12

**Como utilizar as reeds sociais de
forma consciente**
Por Maria Eduarda Baumgartner

Página 15

Como fazer um detox digital
Por Bianca Beating

Páginas 17

As redes sociais mais viciantes
Por Camile Gulart

Páginas 19

**Arte e Consumismo é como
Água e Óleos**
Por Carmino

Páginas 23

**O Halloween, Hollywood e
seus remakes**
Por Annah

Carta ao Leitor

Por Thiago Santos

Agradecimento!

Matéria de Capa nas páginas 9 e 10

Existe uma frase particularmente muito clichê e ao mesmo tempo muito verdadeira: “a propaganda é a alma do negócio”. Todos os profissionais desse ramo já ouviram esse dito pelo menos umas dez vezes na sua vida, e é fácil provar que esse discurso é verídico. De acordo com dados divulgados pela Kantar Ibope Media, foram investidos mais de 11,2 bilhões de reais em publicidade no Brasil, apenas no primeiro semestre de 2021.

Conheça a equipe

MUNDO DA PUBLICIDADE



Rosana Paza

A Professora Rosana é a responsável pela correção de todas as matérias de cada nova edição da Mundo da Publicidade.



Thiago Santos

O coordenador do curso é responsável por administrar esta equipe, além de escrever a Carta ao Leitor e a Nota dos Editores.



Mariana Rocinski

É a responsável pelo design gráfico da revista. É quem da vida e desenvolve as artes de todas as páginas da Mundo da Publicidade.

Marieli Silva Freitas

A Mari é quem busca os assuntos mais relevantes para cada edição além de escrever, todos os meses, matérias incríveis.



Caroline Izuck

Carol é responsável por matérias de diversos universos

Bruno Baumgartner

Bruno é responsável por escrever matérias insanas sobre a cultura pop e músicas.



Madu Baumgartner

A nova integrante da revista chegou para trazer os mais diversos temas!



Bianca Beuting

É responsável por ideias e matérias incríveis sobre assuntos variados.



Anah Ribeiro

A Anah é a responsável por matérias maravilhosas sobre série, filme e cultura pop no geral!

Conheça o GRUPO UNI

ON AIR

• TV UNI

O estúdio é um espaço para que os acadêmicos compreendam os processos de criação, desenvolvimento e transmissão desse meio de comunicação e aproxima os nossos alunos dessa área de trabalho tão expressiva e que demanda habilidades criativas que precisam ser desenvolvidas ainda na universidade. A TV UNI já iniciou suas atividades com quatro programas semanais, voltados à ciência, pesquisa e extensão.

• RÁDIO UNI

Laboratório desenvolvido para possibilitar o contato dos acadêmicos de Publicidade e Propaganda com mais uma realidade do mercado de trabalho. Totalmente digital, possui uma programação criada pelos estudantes do próprio curso, com transmissão 24 horas por dia, sete dias por semana. Com foco informativo e musical o veículo é um canal de comunicação entre a universidade e a comunidade em geral.



NOTA DOS EDITORES

Buuuuuu! Tem medo de fantasmas e assombrações? Então, prepare-se! Uma edição mega assustadora da Revista Mundo da Publicidade está no ar!

Separe a sua playlist mais horripilante e um balde cheio de pipoca para acompanhar a 20ª revista do curso de Publicidade e Propaganda da UNIFEBE.

Neste mês, trouxemos temas marcantes e assustadores sobre o mundo da comunicação, e claro: tudo o que há de novidade nesse universo.

Mas espere! Não é somente isto: aproveitamos o mês do Halloween para trazer as ilustras mais incríveis em cada página desta revista. Nós, do Mundo da Publicidade estamos apaixonados por esta edição e desejamos a você uma ótima leitura!

Um abraço



Equipe Mundo da Publicidade



MUNDO DA PUBLICIDADE
EDIÇÃO 20

Expediente

Orientação: Thiago Santos
Correção: Rosana Paza

Execução

Aline Inácio da Silva
Mariana Rocinski Horn
Bruno Baumgartner
Marieli Silva Freitas

COMO É VIVER EM UMA SOCIEDADE

EM QUE A HIPERCONNECTIVIDADE JÁ É REAL

POR MARIELI FREITAS

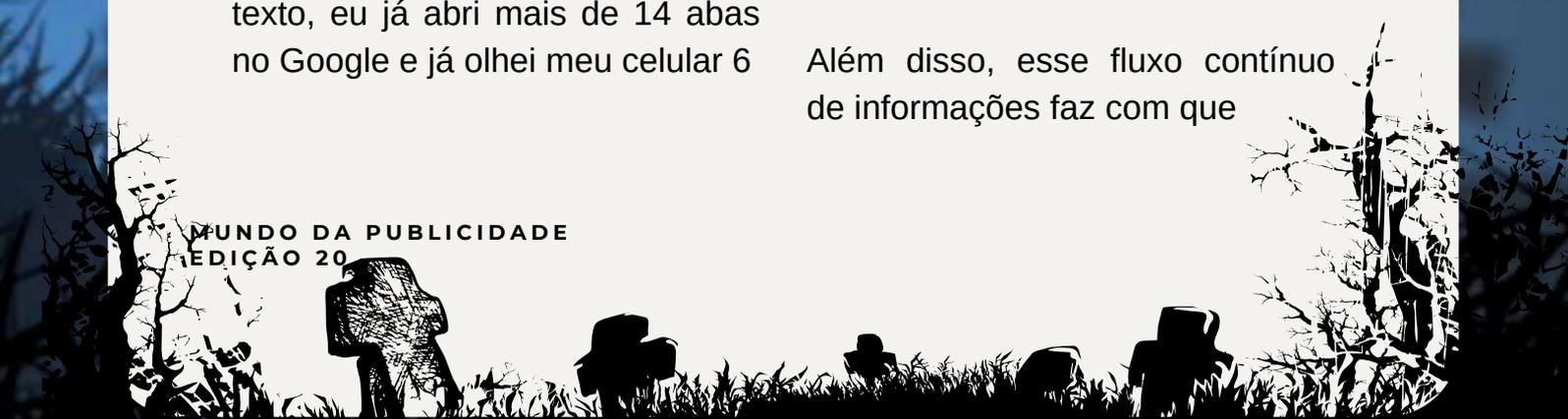
A palavra hiperconectividade faz referência à hiperconexão tecnológica, ainda não possui um significado oficial, mas é uma característica facilmente identificável em nossas vidas. Que o presente é super conectado e o futuro será mais ainda não é novidade para ninguém, mas você já refletiu sobre os prós e contras de toda essa conexão digital na sua vida?

Desde que eu liguei meu notebook para escrever esse texto, eu já abri mais de 14 abas no Google e já olhei meu celular 6

vezes, olhei as notificações do Instagram, Be Real, Twitter, Duolingo e Gmail.

Hoje temos o celular e outros aparelhos como extensões dos nossos próprios corpos, sentimos uma necessidade quase que fisiológica de estar conectado à internet e ter contas na maior quantidade de redes sociais possíveis, e toda essa presença no mundo on-line impacta diretamente nossas atitudes e emoções.

Além disso, esse fluxo contínuo de informações faz com que





vejamos que a única forma de lidar com isso é abraçar o trabalho multitarefa, o que agrava ainda mais nossa sensação de estar sobrecarregado.

E não é surpreendente. “Nosso cérebro não é capaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo. Ele oscila rapidamente de uma tarefa para outra.

Quanto mais complicada é uma tarefa, mais tempo leva para nosso cérebro recuperar a concentração”, explica Paul Brazzolotto, Doutor em Psicologia Cognitiva e pesquisador da consultoria de gestão Cog'X.

Um estado de coisas que não apenas prejudica nossa produtividade, mas também nossa capacidade de tomar decisões.

Outra característica da sociedade na qual a hiperconectividade reina é a produção de conteúdo por não profissionais ou profissionais com pouca visibilidade.

Vídeos, fotografias, ilustrações, filmes amadores e músicas podem ser compartilhados com milhares de pessoas ao redor do mundo. Assim, temos mais opções de conteúdo para consumir. Em síntese, não há como escapar da hiperconexão.

A tendência é que mais soluções tecnológicas aparecerão ano após ano, forçando até mesmo quem não é fã de tecnologia a depender dela para certas necessidades

A hiperconectividade está ligada ao Fear Of Missing Out (FOMO), ou “medo de ficar de fora” na tradução para o português.

Essa síndrome não é apenas a sensação de que pode haver coisas melhores que você poderia estar fazendo neste momento, mas é a sensação de que você está perdendo algo fundamentalmente importante que os outros estão experimentando agora.

Apesar de ser utilizado hoje no contexto da psicologia e dos estudos sociais, referindo-se a um comportamento associado ao uso da internet, o termo Fear Of Missing Out surgiu antes da internet. A palavra foi usada pela primeira vez em 1996, pelo estrategista de marketing Dan Harmen, ao descrever o comportamento dos novos consumidores.



Mais tarde, em 2000, ele registrou o termo em um artigo acadêmico sobre o mesmo tema, publicado no periódico Journal of Brand Management.

A síndrome de FOMO pode estar associada a outros quadros psicológicos como ansiedade e depressão, por exemplo. Segundo um estudo citado pela revista Time em uma matéria sobre FOMO, a síndrome costuma se instalar em períodos de tristeza.

Nesse sentido, é preciso estar atento, pois a síndrome de FOMO pode agravar casos psicológicos já existentes. É importante ressaltar que o resultado final da busca incessante por estar socialmente incluído e bem informado costuma ser a sensação de vazio e insatisfação pessoal.

A lista de contras relacionadas à hiperconectividade ainda não acabou..., mas antes uma pergunta, você já notou uma queda ou dificuldade em se manter concentrado?

Isso pode ser um déficit de atenção causado pela hiperconectividade, conseqüentemente, aumenta a frequência dos erros e dos desentendimentos quando nós recebemos instruções orais ou impressas e como você já notou uma coisa leva à outra; logo, a temida ansiedade pode surgir da incapacidade de manter a atenção no cotidiano.

Para ver dicas de como fazer um detox da vida on-line continue a leitura da nossa revista :)



THE DARK SIDE OF SOCIAL MEDIAS

POR CAROLINE IZUCK

Um dos maiores feitos da nossa geração são as redes sociais. Compartilhar memórias, conquistas, despedidas e o nosso dia a dia, tornou-se parte do cotidiano de muitos usuários. E apesar de as redes aumentarem o contato entre as pessoas e a socialização, mesmo a distância, bem como trazer informações importantes sobre assuntos específicos e gerais, muitas vezes que é bom, pode ter seu lado negro.

Muitas pesquisas feitas ao longo dos últimos anos, por organizações de saúde, apontam que mais da metade da população mundial faz uso das redes sociais atualmente. A tecnologia em si passou a ter um grande peso na vida das pessoas, e trouxe muitos benefícios e malefícios para a saúde humana.

Um dos principais problemas é a relação da privacidade e segurança dos usuários. Enquanto alguns gostam de se expor ao extremo nas redes sociais, outros não desejam o mesmo tipo de atenção, mas isso não impede que sejam expostos e, que inclusive recebam feedback negativos e positivos em determinadas situações, mesmo que não tenham controle sobre o que é mostrado.

Sem falar na quantidade de superficialidade utilizada por muitas pessoas em suas postagens, que usam as plataformas como uma forma de escape do 'mundo real'.



E quando o vício começa, é aí que os perigos aparecem, em especial, entre os mais jovens.

A busca pela perfeição corporal, o vício em ver novos conteúdos e a obsessão em ter o maior número de seguidores estão tornando as pessoas dependentes, ansiosas e, até mesmo, depressivas. Muitos não percebem o peso que as redes sociais têm sobre eles e, principalmente, sobre sua autoestima.

A comparação constante entre as pessoas, quem é melhor, quem é mais bonito, quem é mais influente.

E, muitos quando não conseguem ser aquele que fica em primeiro lugar, seguem da mesma forma, com a culpa e a cobrança que a carência os faz encontrar neles mesmos e não nas manipulações das redes.

Um dos próprios criadores de aparelhos tecnológicos mais famosos - Steve Jobs - limitava o tempo que seus filhos utilizavam a tecnologia, possivelmente porque ele sabia que determinados feitos, afetariam principalmente os mais jovens.

Ocorrências de cyberbullying, apenas aumentaram de uns anos para cá, afinal é muito fácil alguém falar de outra pessoa e simplesmente “sumir do mapa”, como se não tivesse feito nada, enquanto a vítima tem que sofrer as consequências e lidar psicologicamente com as agressões virtuais.

As famosas fake news, que se disseminam na internet, passando informações falsas sobre algo ou alguém. Vídeos e imagens obscenas que simplesmente aparecem na nossa tela de repente - como um pop-up -, como uma forma de propaganda, que muitas vezes não queremos ver.

A forma como as redes sociais são programadas para que o sistema aja inteligentemente e traga conteúdos relacionados com o histórico de pesquisa de cada usuário, a partir do momento em que é gerado a sua conta na internet, por vezes influenciando as pessoas a ver sobre tal assunto ou notícia, porque a forma como é mostrado nos instiga psicologicamente.

Atualmente cada plataforma tem uma média aproximada de horas de conteúdo novo que é lançado, bem como uma média de horas de conteúdo que é assistido ou acompanhado diariamente, e esses números apenas aumentam todos os dias.

Isso tudo acaba nos gerando a ansiedade por tentar conseguir acompanhar tudo que sai de novidade e a necessidade de conseguir filtrar todas as informações coletadas.

As redes sociais existem porque nós deixamos. Somos mais inteligentes que a tecnologia - há de se ver que nós a criamos - e não devemos deixar ela que se torne uma rua sem saída.

O lado ruim das redes existe, porque nós o criamos e estamos apenas vendo-o crescer. Devemos nos reeducar para controlá-la, em vez de deixá-la nos controlar e tornar-se um vício.

COMO UTILIZAR AS REDES SOCIAIS DE FORMA CONSCIENTE

POR MARIA EDUARDA BAUMGARTNER

O avanço tecnológico ao longo dos anos tem construído um ser humano totalmente conectado, e nesse mesmo ritmo as redes sociais acompanham essa evolução do Orkut ao Instagram, do Tik tok ao Bereal.

Um estudo recente realizado pelo Statista, banco internacional de estatísticas no Brasil, diz que são 171,5 milhões de usuários ativos nas redes sociais, 79,9% da população brasileira.

E esse número representa um crescimento de 14,3% ou de 21 milhões de usuários de 2021 para 2022.

Um ponto de grande destaque sobre o assunto é que a hiperconectividade e toda a facilidade com a qual as pessoas trocam informações atualmente nas redes sociais têm impactado no comportamento do indivíduo, e para isso, muitos pesquisadores estão investindo na compreensão sobre as formas de lidar com a inovação dos meios de comunicação.

Costumamos pensar nas redes sociais como uma plataforma de comunicação e de conhecimento, permitindo inclusive a aquisição de novas amizades que nunca seriam possíveis antes, com pessoas de outros países e culturas.

Elas ainda nos ajudam a enriquecer a vida e aprimorar nossas habilidades de criatividade, conexão social, além da aquisição de proficiência técnica em infinitos temas, motivo esse até dos criadores de conteúdos que visam expor sua própria missão de vida vendendo um produto ou apenas divulgando algo que você acredita motivar outras pessoas.

Porém na contemporaneidade é importante saber do uso adequado das redes sociais e propor a reflexão sobre esse uso consciente.

É possível observar que há quem dependa demais da internet e há quem esteja se esforçando para não depender tanto, não é mesmo?

Um exemplo desse lado ruim do uso da internet e das redes sociais seria o acúmulo de horas "rolando" por feeds

sem um objetivo específico, apenas reagindo e deixando de lado outras atividades relevantes como conversar com amigos e familiares, desempenhar alguma atividade de trabalho, ou mesmo simplesmente descansar.

São essas pessoas que estão também mais propensas a quadros de ansiedade, depressão, insônia, abandono escolar ou de trabalho, e em casos mais graves, dependência.

Para se ter uma ideia do número de internautas e do impacto potencial desses problemas, dados de 2013 indicavam que quase três quartos dos adultos usuários de internet (73%) usavam pelo menos uma rede social e que 42% usavam várias redes sociais ao mesmo tempo (do tipo Facebook, LinkedIn, Instagram etc.).

Estamos falando de uma realidade de 9 anos atrás, agora imagine o quanto esses números se multiplicaram hoje em dia.

De modo imperceptível viramos alvos dos vícios das redes sociais, de alta exposição e de pouca segurança. Segundo Nabuco, o uso intenso de tecnologia e redes sociais se assemelha a vícios de comportamento, por exemplo, compras compulsivas ou jogo patológico.

Um filme interessante da Netflix, O Dilema das Redes Sociais, lançado em 2020, fala sobre o poder da manipulação que estamos submetidos como usuários dependentes das redes sociais e do vício presente. Para não se entregar a essa situação é preciso compreender quando e em que momento mais sentimos necessidade de acessar as redes sociais.



Especialistas explicam que passos simples, como desativar notificações sonoras, monitorar as horas de uso ou mesmo "agendar" os momentos em que vai checar as atualizações podem ajudar.

- Otimize o tempo de uso;
- Substitua o tempo em que ficará fora delas por outras atividades que sejam prazerosas também, como ler, encontrar amigos, retomar um "hobby" antigo, aprender um novo etc.;
- Fique atenta às emoções que possam ser manipuladas;
- Tire as notificações automáticas que nos roubam do mundo real e nos colocam de volta para dentro da máquina;
- E, principalmente, segmente as redes sociais e a quem você segue.

Disponível para celulares Android e iPhone (iOS), a mais nova rede social, BeReal traz uma proposta diferente dos padrões. O aplicativo permite realizar apenas uma postagem por dia, além de não apresentar filtros, estimulando a espontaneidade e a autenticidade. Nele os usuários têm até dois minutos para registrar o que estão fazendo naquele momento e compartilhar no feed da rede.

Compreendemos que eliminar as redes sociais está fora de cogitação, estamos vivendo em um mundo cada vez mais atualizado e tecnológico, então cabe a nós usar as redes sociais a nosso favor, optarmos por escolhas conscientes e alimentar a mente de forma controlada e não abrir mão da vida real. Be free.



COMO FAZER UM DETOX DIGITAL

POR BIANCA BEUTING

Sabemos de alguns riscos que a internet pode nos causar, ainda mais com o seu uso contínuo e em muitas horas por dia.

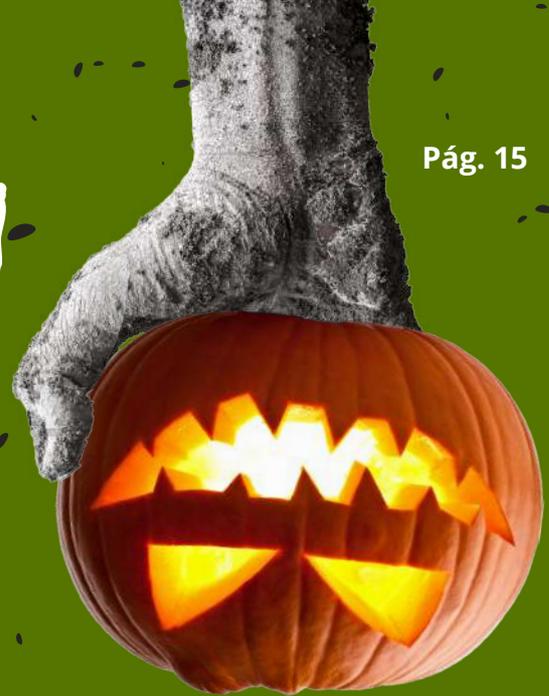
Com isso, fazer um Detox Digital é uma ação que pode ser responsável por diversas mudanças na sua vida.

Dentre elas, podemos citar maior produtividade, mais consciência do seu dia, foco e até mesmo mais motivação.

Alguns outros benefícios são:

- Redução no nível de ansiedade;
- Redução no nível de estresse;
- Mais tempo livre para fazer qualquer coisa;
- Maior descanso;
- Maior criatividade e motivação.

Sabendo disso, aqui vão algumas dicas para você fazer um Detox digital:



1. Determine uma hora limite para manter o celular ligado à noite

Por exemplo: desligue o telefone sempre entre as 23h e a hora de acordar. Assim, você estabelece uma rotina para garantir algumas horas off-line todos os dias.

2. Ignore o smartphone quando estiver com outras pessoas

Essa é uma verdadeira declaração de amor hoje: deixar o aparelho longe do alcance dos olhos, para prestar mais atenção na conversa do que na tela.

3. Evite comer em frente ao computador ou levar o smartphone para a mesa de jantar

Nutricionistas alertam que você come mais e pior quando não se concentra no alimento. Use esse tempo para conversar ou refletir.



4. Bloqueie as notificações

Vale para aplicativos que não são fundamentais na sua rotina, como algumas redes sociais. Assim, você evita aquela distração com o celular piscando ou a tela inundada de alertas.

5. Estabeleça horários e um limite de tempo para navegar

Vale para redes sociais e sites de notícias. Por exemplo: 30 minutos durante a manhã, mais 30 minutos depois do almoço e mais 30 minutos à noite.

6. Ignore as notificações na tela do smartphone, mesmo que se acumulem

Não é porque você recebeu um e-mail ou alguém comentou em uma foto sua no Facebook que precisa responder imediatamente. Relaxe.

7. Mantenha o telefone no silencioso durante o trabalho

Assim, você não se distrai com os sons das notificações nem atrapalha a atenção dos colegas ao redor.

8. Baixe um app para controlar o seu tempo no celular

Baixar um app que mostre quanto tempo você passa diariamente no celular, ajuda muito a controlar o seu tempo nas telas. Para Android, há o QualityTime e para iOS, um dos mais conhecidos é o Moment, que tem funções similares ao anterior. Porém, o próprio iPhone já vem com a função “Tempo de Uso” nas configurações, basta habilitá-la nas configurações do celular.

AS REDES SOCIAIS MAIS VICIANTES

Pág. 17

POR CAMILE GULART

Já passou o tempo em que todos usavam o Facebook e ficavam “Cutucando” uns aos outros.

Atualmente existem diversos aplicativos de mídias sociais com milhares de acessos, vivemos em uma era altamente digital de aplicativos e redes sociais, sempre que uma nova plataforma digital entra em cena, ela logo chama nossa atenção e logo ficamos viciados no aplicativo, esse é o ciclo que estamos vivendo atualmente.

As redes sociais que mais viciam são:

TikTok: Na pandemia, o aplicativo ganhou reconhecimento, pois a maioria da população não saía de casa, por esse motivo, as pessoas recorreram a redes sociais para a distração.

Tik Tok é a plataforma digital mais famosa, principalmente entre as gerações mais jovens.

Em menos de 18 meses, ele quebrou o recorde de várias outras plataformas de redes sociais, devido ao efeito cativante que tem sobre seus usuários. O TikTok se tornará o aplicativo número 1 para marcas e anunciantes.

Instagram: Tem aproximadamente 850 milhões de usuários ativos mensais.

Essa é uma plataforma popular em todo o mundo, no decorrer dos anos o Instagram tornou-se um centro de influência, no qual a maior parte da publicidade e do marketing acontecem hoje em dia.

Infelizmente o Instagram não possui só seu lado positivo, tornou-se um ambiente tóxico que afetou negativamente a saúde mental de grandes grupos de pessoas.



WhatsApp: O famoso WhatsApp que grande parte da população não consegue viver sem.

É um aplicativo extremamente popular, que facilita troca de mensagens rápidas e compartilhamento de mídias. Na pandemia o WhatsApp se tornou o culpado pela troca de notícias falsas, que gerou muitos problemas em vários países.

YouTube: No YouTube encontramos um poço de conteúdos sem fim, para qualquer hora do dia, existem diversas pessoas de qualquer lugar do mundo mostrando sua rotina ou seu conhecimento.

O mais incrível de tudo isso é que a plataforma facilita a vida da população, com tutoriais de todas as coisas possíveis existentes no mundo.

Facebook: Essa plataforma é muito conhecida e possivelmente já estamos familiarizados com ela, foi um dos primeiros sites de redes sociais que explodiu e cativou a população, atualmente o Facebook ainda é uma das plataformas de mídias sociais mais utilizadas, mas com o tempo, ele se tornou mais popular com a geração mais velha do que com a geração mais nova.



Arte e Consumismo é como Água e Óleo?

POR CARMINO

Na sua opinião, uma pilha de roupas velhas pode ser considerada uma escultura? E uma mancha azul que parece em um braço, pode ser considerada arte? E a tela do seu celular, que tanto te fascina, também?

A arte contemporânea sempre desafiou o senso comum por meio do eterno debate entre arte e consumo, que ganha novas nuances a cada ano, acompanhando a evolução do mercado da arte e da história como um todo. Porém, foi nos anos 60 que essa discussão pegou fogo graças a uma vanguarda conhecida como Novo Realismo.

O Nouveau Réalisme, ou Novo Realismo, foi um movimento artístico que se desenvolveu principalmente na França, no final dos anos 50, anunciando uma mudança radical em relação às correntes artísticas vigentes na época e levantando questões que também foram abordadas pela sua contemporânea, a Pop Art inglesa e norte-americana.

O termo foi criado pelo crítico Pierre Restany em 1960, quando publicou o primeiro manifesto do Nouveau Réalisme, propondo a volta ao figurativismo a partir de uma nova interpretação do cotidiano numa nova perspectiva estética, remetendo aos dadaístas dos anos 10 e 20.

Esse manifesto constava de uma única frase:
"Os Novos Realistas tornaram-se
conscientes da sua identidade coletiva;
Nouveau Réalisme = novas percepções
do real".

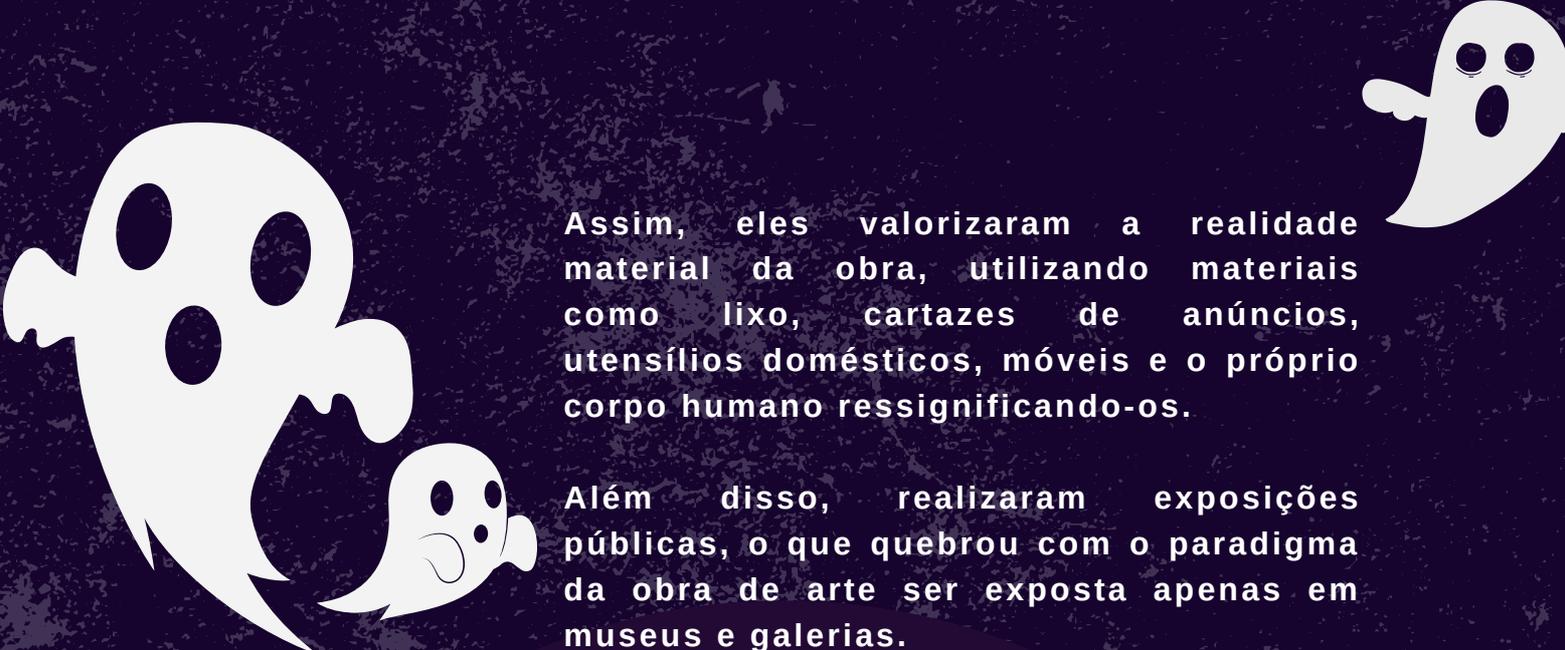
O surgimento do movimento foi uma reação à hegemonia cultural propagada pelos Estados Unidos, que dominou o mundo após a Segunda Guerra Mundial, gerando revolta nos artistas franceses, já que, por muito tempo, o seu país foi um grande centro cultural.

Além disso, a vanguarda também emergiu como uma resposta ao Expressionismo Abstrato, movimento artístico americano vigente na época e que já estava saturando, capitaneado por Rothko, De Kooning e, principalmente, Pollock.

Desde o século XX, a sociedade vive essa cultura do efêmero e do excesso; as pessoas passaram a enjoar rapidamente de tudo, sempre correndo atrás de mais e mais novidades, assim, gerando o supracitado consumo insaciável, que foi o principal ponto criticado pelos Novos Realistas.

Nesse contexto, ambientado numa sociedade urbana, um grupo de artistas franceses reuniu-se para questionar a arte até então idealizada, abstrata e figurativa.

As manifestações artísticas desse movimento apresentaram em comum a tendência para o uso de materiais desperdiçados, retirados de um contexto de vida cotidiana, com o intuito de criar objetos poéticos, imbuídos de mensagens irônicas e críticas.



Assim, eles valorizaram a realidade material da obra, utilizando materiais como lixo, cartazes de anúncios, utensílios domésticos, móveis e o próprio corpo humano ressignificando-os.

Além disso, realizaram exposições públicas, o que quebrou com o paradigma da obra de arte ser exposta apenas em museus e galerias.

O Novo Realismo se assemelhou com a Pop Art em vários de seus aspectos: a valorização do físico em detrimento do significado subjetivo; a acessibilidade; a multiplicidade de formatos, técnicas, mídias e estilos de objetos artísticos; modos de criação que fugiam do convencional; a influência dadaísta na valorização da “não-arte” e a utilização de técnicas como a colagem e a repetição, além da supracitada crítica ao consumismo inerente aos dois movimentos.



Outra técnica muito utilizada foi a **décollage**, em que os artistas rasgam e decompõem materiais para recriá-los em outra composição, o oposto à colagem. Muitos utilizavam pôsteres de filmes, cartazes e anúncios publicitários das ruas de Paris, como matéria-prima de suas criações.



Esse tipo de obra foi tão chocante na época que até hoje causa questionamentos sobre a sua veracidade como arte, dialogando novamente com a Pop Art.

Entre os artistas que integraram o movimento destacam-se os pintores Yves Klein, que defendia a imaterialidade da arte; o escultor Arman, que criava obras a partir da composição com o lixo, além de o suíço Jean Tinguely, que criava esculturas de máquinas com funções e formas diversas, normalmente inúteis e absurdas, numa espécie de celebração do progresso tecnológico que marcou o pós-guerra.

São obras e artistas que continuam extremamente atuais, já que a crítica permanece a mesma: ainda somos uma sociedade do efêmero e do excesso, sempre em busca de novidades.

As redes sociais impactam diretamente nesse efeito, já que se criam necessidades inexistentes; sempre queremos ter mais do que o outro, mostrar mais, agradar mais, causando problemas psicológicos como a ansiedade e a depressão.

A arte possui um papel crucial nesse sentido, já que pode instigar o pensamento crítico por meio do fazer artístico e do estudo.

O objetivo da arteterapia é proporcionar o cuidado integrado às áreas neurológica, cognitiva, afetiva e emocional, aprimorando a percepção, o pensamento, a criatividade, o foco e a autoestima, além de sua função social.

Conhecer e refletir sobre movimentos artísticos como o Novo Realismo nos faz repensar nossas atitudes e, quem sabe, trocar a tela do celular pela tela de um quadro. Pelo menos de vez em quando.





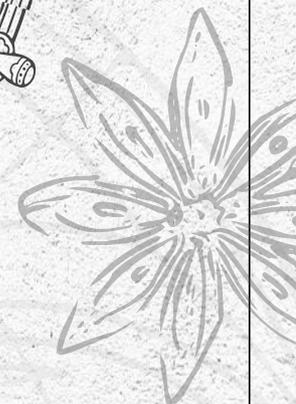
O Halloween, Hollywood e seus remakes

Ainda surfando a onda da nostalgia, Hollywood segue apostando em remakes e continuações de filmes das décadas de 1980 e 1990, e um dos longas mais comentados do momento é *Abracadabra 2*, a sequência super aguardada do clássico de 1993.

Há 29 anos conhecemos Max Dennison, que, ao explorar uma casa abandonada com sua irmã Dani e sua nova amiga Allison, acidentalmente liberta um grupo de bruxas más que morava no local há séculos, as irmãs Sanderson.

Com a ajuda de um gato mágico, as crianças devem roubar o livro de magias das bruxas para impedi-las de se tornarem imortais. *Abracadabra* é um clássico cult, para ser assistido principalmente nas noites de Halloween.

E foi assim que a Disney inaugurou o mês mais horripilante do ano, trazendo Winifred, Mary e Sarah de volta a Salem, para mais uma vez tentarem pôr seu plano de imortalidade em prática.



Na nova trama conhecemos mais um trio, melhores amigas que são interessadas em magia e misticismo, e na tentativa de um feitiço, duas das meninas trazem nossas vilãs à tona.

Com o mesmo humor inocente do primeiro filme, as cenas mais engraçadas de *Abracadabra 2* são as que as personagens se intrigam com a modernidade de nosso mundo atual, por exemplo, quando acham que produtos de beleza são, na verdade, poções mágicas da juventude feitas de almas de crianças.

Apesar de ter alguns baixos depois da metade do longa, reviver essa história foi um ótimo presente para os fãs e ainda deixou um gostinho especial de “quero mais” depois de uma das revelações da trama.

Mais uma franquia clássica digna de maratona esse mês são os filmes do lendário Halloween, que perpetuou um dos vilões mais famosos do terror, Michael Myers.

Depois de 12 longas, este mês (outubro) teremos o embate definitivo entre o grande assassino e Laurie Strode, a primeira “final girl” do gênero slasher, interpretada há mais de 40 anos por Jamie Lee Curtis.

Deixando claro que a trama do próximo filme é a continuação direta das seguintes produções: *Halloween - A Noite do Terror* (1978), *Halloween* (2018) e *Halloween Kills: O Terror Continua* (2019).



A Blumhouse, estúdio responsável por Halloween, divulgou uma descrição sobre o último filme da quadrilogia, Halloween Ends:

Após 45 anos, a franquia de terror mais aclamada e reverenciada da história do cinema atinge a sua conclusão épica e aterrorizante quando Laurie Strode enfrenta, pela última vez, a personificação do mal (Myers) em um confronto completamente diferente do que já foi visto. Apenas um deles sobreviverá. Curtis retorna pela última vez na pele de Laurie, cujo papel deslanchou a carreira da atriz. Com o relançamento da franquia em 2018, Halloween quebrou recordes de bilheteria e estabeleceu uma meta a se bater no maior fim de semana de estreia de um filme de terror e estrelado por uma personagem feminina.

A base de fãs da saga está cheia de expectativas para esse final, e devo admitir que acredito que esse confronto vai, mais uma vez, entrar para a história.

Mas, depois disso, uma pergunta não sai da minha cabeça, por que será que os remakes, revivals, spin-offs e novas versões estão mais em alta do que nunca?

Temos duas grandes respostas para essa pergunta; a primeira, mais romantizada, é que boas histórias podem ser contadas diversas vezes e jamais perderão o seu brilho, é bom que cada uma delas seja adaptada para as novas gerações, como a Cinderela, que conta com mais de 5 versões.

A segunda, a resposta mais capitalista da nossa questão, é que Hollywood tem medo de arriscar, por que gastar milhões de dólares em uma produção desconhecida pelo público que pode ser um fracasso quando existem várias narrativas para mexer com a nostalgia dos espectadores e levá-los ao cinema mais uma vez?

Assim sendo, fica fácil de entender a indústria, não é mesmo?



CARTA AO LEITOR

POR THIAGO SANTOS



Caro leitor, ou será que após tantas edições, já posso chamá-lo de amigo? Bom, independente de qual adjetivo usarei, todas as opções me dirão o quanto importante você é para esta revista.

Hoje, sinto-me um pouco mais emotivo que o normal. Poderia recitar lindos poemas ou dedicar canções que fizeram história apenas por ver sorrisos desconhecidos passarem por mim.

Então tentarei ser breve com minhas palavras, pois sei que no estado que me encontro poderia escrever cartas imensas a vocês. Esta é nossa vigésima edição do Mundo da Publicidade, e não poderia ser mais grato a todos que estão, ou estiveram presentes, e envolvidos neste projeto maravilhoso, feito e pensado para você, meu amigo.

Um dia me perguntaram, “Thiago, o que faz você passar horas, em dias sem inspiração, para fazer uma carta de agradecimento?” O que eu respondi? Disse à pessoa que uma hora minha não era absolutamente nada, comparado à satisfação que tenho em ver mais uma edição finalizada.



Espero, amigo, que você consiga entender o quanto essa equipe, por trás de nossa revista, é importante para mim.

Em dias difíceis, omo para todo nosso trabalho e sei que estamos dando nosso melhor, e também sei que assim como eles seguram essa

revista com tanto carinho, por nosso curso, eu os segurarei com muito carinho também.

Ontem mesmo, estava refletindo sobre o quanto sou rodeado de pessoas extraordinárias e essa equipe entra no pensamento com certeza. E entre aprovações de pauta, decisão de conteúdo, discordâncias, alinhamento, processo de pesquisa e criativo, eu me encontro no final de nossa 20ª edição com o coração quente e um sorriso nos lábios, pronto para demonstrar meu agradecimento, por apoiarem, mais uma vez, um cara maluco, com ideias mirabolantes.

Imagino que essa carta tenha ficado um pouco maior que o costume, mas não diga que não avisei. Finalizo então, amigo, te dizendo que, em um mundo novo e hiperconectado, se conecte às pessoas extraordinárias.

Um abraço
Thiago